

UMA OPORTUNIDADE ABISSAL: O HORROR EM *TERRA DE SONHOS E ACASO*

Pedro Panhoca da Silva*

 <https://orcid.org/0000-0001-5674-5632>

Como citar este artigo: SILVA, P. P. da. Uma oportunidade abissal: o horror em *Terra de sonhos e acaso*. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT18133>

Submissão: 25 de julho de 2025. **Aceite:** 14 de agosto de 2025.

Resumo: O presente trabalho visa analisar o livro *Terra de sonhos e acaso*, de Filipe de Campos Ribeiro (2019a). Mesmo sendo considerado um gênero literário de menor expressão e por isso voltado a um público leitor restrito no Brasil, a época atual pode favorecer a obra de Ribeiro e de outros autores ligados ao horror e ao fantástico, elevando e popularizando esse gênero no Brasil graças mais a suas características de literatura do que a puro entretenimento.

Palavras-chaves: Horror. Fantástico. *Terra de sonhos e acaso*. Filipe de Campos Ribeiro. Literatura contemporânea.

* Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), Jacareí, SP, Brasil. E-mail: ppanhoca@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

■ O horror não é o gênero mais conhecido na literatura brasileira. Um argumento que favorece essa sentença é que, durante o período escolar, por exemplo, o aluno geralmente tem contato com o horror de forma quase nula, com o ensino fundamental proporcionando algum contato mínimo com o gênero e o ensino médio mais voltado às características das escolas literárias trabalhadas que serão cobradas nos vestibulares.

Segundo Nestarez (2017), o horror não é lembrado como um tipo de literatura brasileira pelo fato de a temática realista exercer forte influência na identidade nacional. Ela, dotada de traços “diurnos, vibrantes, coloridos [...]” (Nestarez, 2017), não permite contexto para o horror se manifestar. Porém, o autor afirma que alguns dos autores canônicos nacionais detêm influências do horror, e, com isso, os leitores desse gênero “macabro” são parte integrante dos consumidores de literatura brasileira. Com isso, diferentemente do que alguns pensam, os amantes do horror estão longe de constituírem apenas uma pequena parcela do *underground* literário, já que o horror está presente em nomes como Álvares de Azevedo, Graciliano Ramos, Machado de Assis e muitos outros (Nestarez, 2017).

O argumento de Nestarez pode ser confirmado por Lovecraft (2008, p. 124-125), que, mesmo tendo vivido em uma época diferente e mais distante da atual, afirma o seguinte:

Para os que apreciam especulações sobre o futuro, o conto [e o romance] de horror sobrenatural oferece um campo interessante. Combatido por uma onda crescente de elaborado realismo, cínica frivolidade e sofisticado desencantamento, ele é encorajado, porém, por uma onda paralela de crescente misticismo alimentada tanto pela reação fatigada de “ocultistas” e fundamentalistas religiosos contra descobertas materialistas, como pelo estímulo ao maravilhoso e ao fantástico proporcionado pelas visões alargadas e as barreiras derrubadas pela ciência moderna com sua química subatômica, sua astrofísica avançada, sua teoria da relatividade e suas investigações da biologia e do pensamento humano.

No entanto, Nestarez (2022, p. 14) discorda ao afirmar que livros e filmes de horror têm bom número de vendas e público, e, por isso, merecem maior abordagem acadêmica, como ele mesmo fez. Sua justificativa é o crescente número de leitores que, por consequência, exigem lançamentos editoriais em formas de antologias, traduções estrangeiras ou lançamentos de autoria nacional (Nestarez, 2022, p. 17-18). Além de livros e leitores, a criação da Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror (Aberst), os concursos literários, os grandes eventos e os canais digitais sobre o gênero são outros argumentos utilizados por Nestarez (2022, p. 18-19) para justificar que o horror, no Brasil, agrada à boa parte do público leitor.

Com a popularização de gêneros literários ligados à fantasia no Brasil e no mundo graças ao fato de a obra de H. P. Lovecraft ter entrado em domínio público em 2008 (Miranda, 2020), escolheu-se a obra *Terra de sonhos e acaso*, de Filipe de Campos Ribeiro (2019a), para ser analisada como estudo de caso. Acredita-se que esse premiado livro de Ribeiro tenha potencial literário para atrair leitores para a literatura de horror nacional, a qual se encontra em um cenário favorável para florescimento (Nazarian, 2019).

O ACASO DO HORROR BRASILEIRO

Livro de estreia do escritor Filipe de Campos Ribeiro, *Terra de sonhos e acaso* foi o vencedor do II Prêmio Aberst, que reconhece as melhores obras escritas por autores brasileiros e publicadas no país sobre romance policial, suspense e terror (Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror, 2019). O autor também escreveu uma peça de teatro que recebeu críticas positivas de especialistas, porém foi um fracasso de recepção, o que o fez apostar na escrita voltada ao horror (Ribeiro, 2019b).

Escrito entre 2012 e 2017, mas só publicado dois anos depois (Ribeiro, 2019b), ele conta a simples missão que Ismael tinha em vender a casa de veraneio de sua família, localizada na fictícia cidade de Rio das Almas. Isso seria o suficiente para cumprir o que seu pai, internado e à beira da morte por complicações do HIV, havia lhe pedido: contatar Dimas, o caseiro, e não ir até lá (Ribeiro, 2019a, p. 19). Ismael busca cumprir o desejo do pai, até porque havia anos que não ia mais para Rio das Almas, mas decide ir pessoalmente até a cidade interiorana. E é graças a essa desobediência que a narrativa vai, aos poucos, passando do suspense ao horror nessa misteriosa cidade com algo silenciado e escondido que inquieta Ismael.

O período de publicação de *Terra de sonhos e acaso* coincide com um importante marco na história do horror no Brasil. Segundo Nestarez (2022, p. 176):

[...] até meados de 2019, observou-se um número desenfreado de publicações da obra de H. P. Lovecraft, com incontáveis lançamentos de editoras de todos os portes. Por ora, esse fenômeno parece se ter esgotado; ao final da década de 2010 e início de 2020, contudo, deu-se o que vem sendo chamado de “novo gótico latino-americano”, com obras expressivas de autoras como Mariana Enriquez, Samanta Schweblin, Silvia Garcia-Moreno ou Giovanna Rivero. Embora a aplicação generalizante de “gótico” seja problemática, tal ocorrência coloca o horror em foco mais uma vez, atraindo novas leitoras e novos leitores para o gênero. Por outro lado, [...] ainda é restrito o espaço dado a ficcionistas de horror nacionais em comparação àquele dedicado a nomes estrangeiros, sobretudo por parte de editoras de grande porte.

Ribeiro (2019b) escolheu o terror em detrimento de outros gêneros pelo fato de, segundo ele, ser um gênero que vai mais direto ao ponto do que a ficção científica e a fantasia, por exemplo. A opção por localizar a fictícia cidade de Rio das Almas no interior vem da experiência do autor em ter vivido quando jovem no município de Taubaté, cidade do Vale do Paraíba, interior de São Paulo, o que, segundo o autor, é um espaço rico para ser usado em narrativas de horror pelo fato de os demônios pessoais virem à tona mais explicitamente e os segredos não durarem muito tempo (Ribeiro, 2019b).

Apesar de Ribeiro desvencilhar a fantasia do horror em sua entrevista, sabe-se que o fantástico exerce papel fundamental para o crescimento do gênero do horror. Segundo Alvarez (2014, p. 16-17), a volta do gosto pelas narrativas curtas, o prazer pelos contos fantásticos e maravilhosos em detrimento do realismo testemunhal e social, e a influência dos seriados televisivos e do cinema fantástico e de terror, todos presenciados no século XX, permitiram que esses gêneros se desenvolvessem novamente na literatura de língua hispânica. No entanto,

seu reflexo no Brasil ainda não possui a grandeza que essa literatura consolidou em alguns países da América Latina. Segundo King (2003, p. 19, grifo do autor):

*No primeiro plano, há o nível do horror explícito – quando Regan vomita na cara do padre e se masturba com um crucifixo em **O exorcista** ou quando o terrível monstro, virado do avesso, arranca e mastiga a cabeça do piloto do helicóptero como se fosse pipoca em **A semente do diabo**, de John Frankenheimer. O horror explícito pode ser feito em vários graus de refinamento artístico, mas está sempre lá.*

Mas em outro nível, mais potente, o trabalho do horror se transforma realmente numa dança – uma busca ritmada, em movimento. E o que ela procura é o lugar onde você, o espectador ou leitor, viva no seu nível mais primário. O trabalho do horror não está interessado no verniz civilizado que permeia nossas vidas. Tal trabalho dança através desses espaços nos quais encaixamos uma peça de cada vez, e onde cada peça expressa – assim espero – nosso caráter socialmente aceitável e agradavelmente ilustrado. Ele está em busca de um outro lugar, de um quartinho que algumas vezes lembra o covil secreto de um cavalheiro da era vitoriana, noutras a câmara de tortura da Inquisição espanhola, mas talvez, mais frequentemente e com maior sucesso, a simples e árida caverna de um homem da Idade da Pedra.

Mesmo escrevendo sobre os filmes de horror e não propriamente literatura, entre os dois planos kinguianos, a obra de estreia de Ribeiro possivelmente pertença ao segundo, e algumas passagens servirão de exemplo para se confirmar o caráter de qualidade desse texto.

UM HORROR DE DUAS CIDADES

Cabe utilizar algumas passagens do livro em análise para ressaltar aspectos de horror nele presenciados. Longe do clichê, Ribeiro cria a fictícia cidade de Rio das Almas para, depois, completá-la com doses equilibradas de suspense e horror. Com isso, Ribeiro se distancia da literatura de horror rasa, a qual, segundo Lovecraft (2008), tem como foco o medo físico ou a vulgarização do horror.

Depois de o autor descrever, no primeiro capítulo, a morte e o pedido do pai de Ismael, e a recente orfandade deste, que havia perdido a mãe por causa da mesma IST, o leitor acompanha as decisões do protagonista logo no segundo. Já em Rio das Almas, o protagonista presencia acontecimentos fora do comum: o desaparecimento de seu melhor amigo Henrique, um professor que havia se mudado da capital para a cidade interiorana (Ribeiro, 2019a, p. 29), o avistamento de Marta de cócoras na beira da estrada, até aqui uma mulher louca (p. 33), e a morte de uma estudante com os olhos arrancados das órbitas (p. 37). Enquanto, ao longo da narrativa, descobre-se o paradeiro de Henrique e revela-se a identidade de Marta, o mistério da morte por remoção ocular persiste fazendo mais vítimas e não solucionado, apenas cessa depois de um tempo sem relação aparente com as progressões e regressões que Ismael faz em sua busca por repostas dos acontecimentos presenciados em Rio das Almas. Segundo Lovecraft (2008, p. 17), quando uma atmosfera, como essa, é criada,

[...] é a coisa mais importante, pois o critério final de autenticidade não é a harmonização de um enredo, mas a criação de uma determinada sensação. Podemos

dizer, generalizando, que uma história fantástica cuja intenção seja ensinar ou produzir um efeito social, ou uma em que os horrores são explicados no final por meios naturais, não é uma genuína história de medo cósmico; mas persiste o fato de que essas narrativas muitas vezes possuem, em seções isoladas, toques atmosféricos que preenchem todas as condições da verdadeira literatura de horror sobrenatural.

O próprio ambiente interiorano na fictícia Rio das Almas onde se passa a maior parte da narrativa, embora o lugar não aparente ter nada de místico a ser notado de forma explícita, parece resgatar um ambiente de fantasia ocidental. A casa de pau a pique onde vive Elisa, localizada em uma área rural de Rio das Almas – cidade que já não é grande –, é um bom exemplo disso. Esse lugar funciona como o porto seguro onde Ismael sempre acaba depois de suas buscas cada vez mais confusas por Henrique e outras questões que o inquietam na cidade. Segundo Lovecraft (2008, p. 20),

No Ocidente, onde o místico germano descera de suas escuras florestas boreais e o celta recordava estranhos sacrifícios em bosques druídicos, ela [a narrativa fantástica] assumiu uma intensidade terrível e uma convincente seriedade de atmosfera que duplicaram a força de seus horrores meio narrados, meio sugeridos.

Se o que Ismael tem em suas mãos – objetos de seu pai, de Henrique, do padre Fausto, entre outros – e o que ainda pretende conseguir juntando as partes desse quebra-cabeça com que se deparou desde a chegada à casa de veraneio de sua família são implementos de sacrifício, a casa de Elisa se mostra o lugar onde esse sacrifício voluntário é finalizado. Afinal, é nesse espaço em que Ismael tenta juntar os elementos para a sua “feitiçaria”, e é desse espaço que o desfecho acontecerá, sendo Elisa o próprio sacrifício do protagonista. A figura de Elisa pode ser a grande surpresa para o leitor.

Ao chegar diante da porta fechada, se agachou. Mexeu dentro dela, como se procurasse por alguma coisa escondida ali na carne íntima. E tirou um cabo de metal de lá, como se o parisse. Era o freio!

Sem nunca olhar para trás, ajustou o freio na boca. Abriu a porta – nunca estava trancada, então! – que dava para a outra porta, fechada. Ficou dançando sobre o gíngado do trem, o espaço entre os dois vagões. Agachou-se de novo. Com as mãos nuas, soltou o gigantesco ferrolho que conectava os vagões. Senti meu vagão desacelerando e a vi, do outro lado, abrindo a outra porta. Indo embora com o trem, diminuindo com a distância, enquanto meu vagão desacelerava e ficava para trás. Pude vê-la entrando no vagão da festa, sob os olhares surpresos dos mascarados. Ela, a assassina das meninas.

Ainda pude ver as chamas, incinerando o vagão num instante. E ouvir os gritos, desaparecendo a distância, quando meu vagão finalmente parou (Ribeiro, 2019a, p. 278).

A princípio, uma menina ingênua que trabalha em uma desinteressante loja de bugigangas, essa personagem se revela uma mulher atraente e apaixonante para o protagonista, o que será parte de sua perdição. Isso ocorre porque, historicamente,

Desde o primeiro momento, a transgressão é assumida pela mulher; seja pelo abandono de Adão por parte de Lilith seja por Eva ao provar do fruto proibido.

Desde o princípio, portanto, a mulher está ligada à ideia de perdição, isso porque, o homem é forma ou mente, e a mulher, imagem degradada de sua segunda natureza, é relegada à esfera da matéria. Nesse sentido, a mulher é vista como um ser inferior ao homem, contudo, é ela criada de modo mais elevado, posto que é produto de uma segunda experiência da criação, bem como é moldada de modo e com material mais elaborado.

Num primeiro momento, a mulher era objeto de idolatria por encontrar-se nela o dom da vida. Ao perceberem que a mulher não se autorreproduzia, mas necessitava do homem para isso, é ela posta em segundo plano, posto que a vida se daria por fecundação masculina. Essa descoberta, porém, não conseguiu eliminar o culto às divindades femininas da fecundação, o que fez com que a mulher passasse a ser vista de modo paradoxal: como doadora da vida e condutora da morte.

Essa concepção da mulher fez com que ela passasse a ser representada de modo ambíguo, entre divina e demoníaca, sagrada e profana. O Romantismo acabou por colocar a mulher numa posição de santa ou de demônio, sendo, de qualquer forma, inatingível, posto que às santas se idolatra, mas não se ama e aos demônios se teme. Seja por ser supervalorizada ou desprezada, a mulher torna-se cada vez mais distante. Desse modo, através da exaltação, o homem a transforma em santa ou sagrada; do desprezo, em ser irrelevante; do desejo, em demoníaca ou profana. Trata-se de uma nova concepção de arte construída pelo romantismo que, tomando a mulher como um ser que encarna uma forma ideal de beleza artística, explora o clichê da mulher fatal. Sendo santa, ela conduz o homem ao desejo de morte, pois seu amor é impossível; sendo demoníaca, ela encarna vícios e perversões, deixando o homem a todo o instante em posição de enfrentamento com a morte (Labres, 2002, p. 106-107, grifo da autora).

Elisa, inicialmente, é “angélica” e repentinamente se revela não um ser demoníaco, mas insólito. Sua segunda revelação se dá com um toque sobrenatural: uma espécie de apoteose folclórica. Elisa é, na verdade, uma mula sem cabeça. Na revelação dessa personagem, a opção por utilizar o folclore nacional no enredo não parece ser aleatória e combina com a narrativa de horror; afinal

Nesse solo fértil [do horror] foram nutridos tipos e personagens de lendas e mitos sombrios que persistem na literatura fantástica até hoje, mais ou menos disfarçados ou alterados pela técnica moderna. Muitos deles foram tomados das fontes orais primitivas e fazem parte da herança permanente da humanidade (Lovecraft, 2008, p. 21).

Mesmo que o uso da releitura do folclore brasileiro não seja exclusividade da obra de Ribeiro, ele parece funcionar – pelo menos no Brasil – bem em narrativas que envolvem o horror. Nestarez (2022), por exemplo, cita, em sua tese de doutorado, diversos autores da literatura brasileira que usufruíram do folclore em suas narrativas. Isso é presenciado, também, em outras mídias: o RPG *Era do caos* (Klimick; Bettocchi; Andrade, 1997) era ambientado em um cenário distópico brasileiro, em que os jogadores devem se posicionar a favor do caos ou contra ele, buscando sobreviver em meio a humanos e criaturas folclóricas em suas versões mais medonhas. A importância que seus autores deram à cultura brasileira rendeu, entre os quatro livros suplementares desse jogo, um exclusivamente voltado para as criaturas do folclore brasileiro, chamado *Lendas* (Klimick;

Bettocchi; Andrade, 1999). Na seção de referências desse suplemento, os autores citam os autores Luís Câmara Cascudo (1898-1986) e Monteiro Lobato (1882-1948), o livro *Macunaíma* (Andrade, 2016), as HQs *Chico Bento* e *Pererê*, as séries televisivas *Sítio do Pica-pau Amarelo*, *Saramandaia*, entre muitas outras (Klimick; Bettocchi; Andrade, 1997), como bases para criarem seu suplemento e facilitarem o contato com as fontes de inspiração para os jogadores que buscam leituras mais complexas “direto das fontes”. Há, também, a presença da versão em horror do folclore nacional em livros-jogos como *Renascido* (Klimick, 1996), em que, dependendo das escolhas do leitor-jogador, há o encontro – e o coito – com uma *kanaíma*, e *Espectro* (Andrade, 1996), em que o leitor-jogador pode se encontrar com uma versão urbana e grotesca do curupira. O seriado de maior repercussão atualmente foi *Cidade invisível* (2021-2023), uma narrativa que envolve várias questões, como a busca pela própria origem identitária, o descaso com a preservação ambiental/ecológica pelas grandes empresas, crítica ao capitalismo, só para citar algumas, em que se procurou também promover a cultura brasileira em nível internacional – especialmente o folclore.

Em *Terra de sonhos e acaso*, há também a presença do onírico. Ao não encontrar seu amigo em uma cidade pequena como Rio das Almas, Ismael sonha que militares torturam Henrique, jipes militares rondam por vezes próximos à sua residência, e o interesse do delegado Marco em colaborar com Ismael na busca por Henrique esconde algo, o que aumenta ainda mais sua paranoia pela resolução dessa busca pessoal.

Acordei daquele sonho com o coração palpitante. Eu não sabia, mas, a partir daquela noite, todos os meus sonhos seriam assim. Crus. Terrivelmente detalhistas. Do tipo que deixa uma impressão viva, duradoura, se imprime na memória e pode ser lembrado em detalhes muitos dias depois (Ribeiro, 2019a, p. 97).

Embora Ribeiro (2019b) tenha admitido que seu livro não é uma crítica à política brasileira, sua publicação coincidiu com os primeiros meses de um governo de direita, rompendo 16 anos de governos petistas no poder, o que dá à obra *Terra de sonhos e acaso* certo *status* de premonição. Segundo King (2003, p. 33), épocas como essas favorecem o florescimento de livros e filmes de horror:

Os filmes e livros de terror sempre foram populares, mas a cada dez ou 20 anos eles parecem desfrutar um ciclo de maior popularidade e interesse. Estes períodos parecem quase sempre coincidir com épocas de grande tensão política e/ou econômica e os filmes e livros parecem refletir esta ansiedade à flor da pele (na ausência de termo mais apropriado) que acompanha estes sérios, mas não fatais, deslocamentos. Eles parecem se sair pior nos períodos em que o povo americano enfrentou exemplos verdadeiros de horror em sua própria vida.

Nestarez (2022, p. 146), utilizando um argumento de Lovecraft, mostra-se de acordo com essa afirmação, já que a ancestralidade do horror serviu, por milênios, à preparação do ser humano para o pior. Dessa forma, o homem “inicia-se” na ficção para estar mais familiarizado com as crises reais que virão.

A cena da locomotiva é carregada de alegorias, como a encenação nos vagões, as algemas em Ismael e o sacrifício de Elisa pelo seu bem, o que leva os espectadores a torcer passivamente, durante a narrativa de horror, para que haja uma reviravolta e tudo possa acabar bem. Embora longe de ter a certeza no *happy end*, o leitor, em *Terra de sonhos e acaso*, passa pelo que King (2003, p. 35-36) classifica como virada no estilo:

Também não é por acaso que a história de horror frequentemente termine com uma virada no estilo. [...] Quando voltamos nossa atenção para o cinema-de-horror e a literatura-de-suspense, não estamos com a frase “Tudo vai dar certo” na cabeça. Estamos esperando que nos digam aquilo que sempre suspeitamos – que está tudo indo para a puta que pariu. Na maioria dos casos, as histórias de horror nos dão amplas provas de que é isso mesmo que vai acontecer.

Apesar de Rio das Almas ser uma cidade fictícia, o que deixa o texto de Ribeiro imersivo, além da descrição de espaços da amaldiçoada cidade interiorana que lhe dá ares de realidade, é com a inclusão de locais condizentes com o mundo que o leitor se identifica, como a zona norte de São Paulo, o bairro de Santana, entre outros. Um exemplo pode ser conhecido na conversa de Ismael com Elisa, na qual o autor insere lugares reais, como a Rodoviária do Tietê, em sua obra de ficção:

- *Uma vez tive um convite para ir a São Paulo. Mas acabei não indo. E nunca fui!*
- *Entendi.*
- *Mentira, eu fui na verdade!*
- *Para São Paulo?*
- *É... Uma vez eu aceitei, peguei o ônibus e fui até a rodoviária de São Paulo.*
- *No Tietê?*
- *É...*
- *E aí?*
- *Eu entrei na cidade de ônibus. Vi os prédios. Vi o rio sujo. E um monte de carros, até a rodoviária.*
- *E aí?*
- *Aí eu voltei!*
- *Nem desceu, nem saiu da rodoviária?*
- *É... Peguei o ônibus lá mesmo e voltei!*
- *Por quê?!*
- *Não sei... Acho que eu queria só ver se conseguia ir até lá* (Ribeiro, 2019a, p. 140).

Unir locais existentes com fictícios parece ser boa solução para o interesse nesse tipo de leitura. Segundo Alvarez (2014, p. 18), inovações de clichês passados desse gênero são tarefas dos escritores do presente século para a obtenção e estabilização de um “novo fantástico”:

Essa reformulação supõe encontrar novas formas de trabalhar os temas e enredos, pois os leitores, já habituados às convenções do fantástico, podem não se inquietar nem se surpreender se submetidos a tramas previsíveis. Dessa forma, o escritor dessas décadas precisa oferecer situações cada vez mais engenhosas e insólitas, capazes de desafiar as expectativas do leitor conhecedor das convenções do fantástico.

Ribeiro, de fato, usa esse recurso por duas vezes. Na primeira vez, consegue fazer Ismael, mesmo acompanhando passivamente o destino final da locomotiva, retornar são e salvo para a capital, mas, depois de, finalmente, encontrar Henrique, faz a alegria do reencontro durar apenas 24 horas, com um emblemático suicídio do jovem professor no mesmo lugar em que se reencontraram. Isso

faz com que o leitor satisfaça parcialmente suas expectativas com o final do enredo, conforme ilustra o Quadro 1.

| Reviravoltas | Obtido | Não obtido |
|--------------|---|--|
| Primeira | <ul style="list-style-type: none"> • Sobreviver ao sequestro militar na locomotiva. • Voltar à capital. | <ul style="list-style-type: none"> • Manter sua relação com Elisa. • Encontrar Henrique. |
| Segunda | <ul style="list-style-type: none"> • Encontrar Henrique. • Vender a casa de veraneio; • Ganhar presentes de seu tio. | <ul style="list-style-type: none"> • Manter sua relação com Henrique. |

Quadro 1 – Ganhos e perdas nas duas reviravoltas finais

Isso ocorre porque Ismael precisa chegar com vida ao município de São Paulo para passar pela segunda virada de mesa e explicar o que é a terra de sonhos e acaso: a própria capital do Estado. Um lugar onde os sonhos podem se realizar graças ao anonimato e aos segredos guardados, mas também onde o acaso age de forma menos alarmante, favorecido pelas mesmas condições do sonho. Assim como as reviravoltas finais em *Rio das Almas* oferecem prós e contras a Ismael, São Paulo é um lugar também onde isso acontece, de outras formas.

UM FUTURO “HORROROSO”: APONTAMENTOS FINAIS

Rebaixar a obra de Ribeiro, assim como de outros autores nacionais que se enveredaram no horror nacional, é negar parcela importante da literatura contemporânea brasileira, pois “as histórias de arrepiar constituem uma parcela importante do imaginário coletivo. Transmitidas oralmente ou impressas, são a prova da fruição mútua entre narradores e público, por séculos a fio” (Cesarotto, 2008, p. 10).

Segundo Nazarian (2019), “apesar de apelo comercial e sucesso relativo de público, a literatura fantástica brasileira permanece sempre à margem, não apenas desprezada pela crítica, mas incapaz de deixar uma marca na cultura nacional”. O autor ainda afirma que, quando as pessoas se perguntam sobre os motivos de o horror ainda ser um gênero marginalizado pela literatura brasileira, as respostas geralmente têm como foco as consequências, e nunca a causa (Nazarian, 2019). Respostas como a falta de espaço desse gênero no Brasil, a ideia de ser algo menor quando comparado a outros e a ausência da tradição nesse gênero no país são geralmente formuladas (Nazarian, 2019). No entanto, Nestarez (2022, p. 179, grifo nosso) discorda:

[...] nota-se a existência de trabalhos que correspondem, em qualidade artística, ao que grandes casas editoriais escolhem publicar – e elas raramente trazem nomes brasileiros, como mencionado anteriormente. A consequência é um certo desconhecimento do público leitor. Mas não um desinteresse, como por vezes se afirma, dado que incontáveis fãs de horror sequer sabem do que acontece por aqui em termos de literatura do assombro.

Nestarez (2022, p. 176) também acrescenta que o interesse de leitores pelo gênero é parte fundamental nas engrenagens do mercado editorial e da academia,

que se complementam. Logo, quanto mais consumidores (leitores), mais produtos (livros, editoras, pesquisas). Nestarez (2022, p. 176) ainda se mostra otimista ao afirmar que, “por vezes, esse movimento perdeu força, mas nunca cessou de todo; sempre surge uma nova ‘onda’ ou ‘tendência’ para devolver a ele o ímpeto”.

Filipe de Campos Ribeiro (2019b) está longe de ser o “Lovecraft brasileiro”, e provavelmente nem é sua intenção obter fama de autor canônico, mas seu *Terra de sonhos e acaso* possui relevância não só pela premiação obtida, como também pela qualidade ao empregar o horror em uma narrativa ambientada em cenário nacional. Seus leitores poderão perceber, entre outros aspectos, como é possível retratar a cidade de São Paulo por outra ótica que não a de Oswald de Andrade ou Mário de Andrade e a fictícia cidade de Rio das Almas, uma sinistra versão da “Canção do exílio”. Vale ressaltar que Ribeiro é mencionado por Nestarez (2022, p. 93, p. 144) duas vezes na historiografia do horror brasileiro, o que demonstra a qualidade do autor em integrar um grupo seletivo na pesquisa do doutor em questão.

Sabe-se do grande apreço que os jovens leitores possuem pelas literaturas maravilhosa, fantástica e de ficção científica e investigativa, e boa parte de seu desinteresse pela leitura pode ser a má seleção de textos feita pelos mediadores em sala de aula (Ceccantini; Silva, 2017, p. 311), já que, por vezes, estes menosprezam o potencial dos livros interativos, lúdicos ou de gêneros por eles considerados como inferiores aos clássicos cobrados em vestibulares. Portanto, esses livros “diferentes” podem ser a ferramenta certa para despertar o gosto pela leitura em jovens leitores em potencial.

Gêneros do *underground* literário, como o horror, deveriam ser mais divulgados e apreciados. Como dito anteriormente, é sabido que os gêneros que envolvem fantasia são muito procurados por jovens leitores e, por isso, deveriam ser utilizados em sala de aula e divulgados na grande mídia, trabalho que poucos envolvidos, como Oscar Nestarez e Santiago Nazarian, têm feito. As editoras poderiam investir mais nesses gêneros “renegados” por meio de premiações literárias, ao passo que a divisão entre a “alta” cultura e a “baixa” deveria ser extinta, já que sua ideologia cria barreiras entre estudiosos e leigos, e mais reforça preconceitos do que promove debates proveitosos sobre o que há de novo na literatura.

O estereótipo de enquadrar o horror como gênero violento, sangrento, repleto de cena impactantes e polêmicas também precisa ser desmistificado. A obra de horror de Ribeiro, por vezes, muito mais se parece com uma narrativa fantástica do que de horror. Não importando tanto em qual classificação *Terra de sonhos e acaso* se enquadraria melhor, sua fórmula de mesclar realidade e ficção é técnica importante para atrair leitores a esse tipo de gênero. Segundo Alvarez (2014, p. 24),

Para Roas, é importante frisar que o fantástico não se confunde com a simples fantasia, com o jogo com o maravilhoso ao estilo de Tolkien. O fantástico, para o escritor espanhol, nutre-se do real, é profundamente realista, porque sempre oferece uma transgressão dos parâmetros que regem a ideia de realidade do leitor. Para conseguir esse efeito, é necessário estabelecer, em primeiro lugar, uma identidade entre o mundo ficcional e a realidade extratextual. Mas não basta reproduzir no texto o funcionamento físico dessa realidade, que é condição indispensável para produzir o efeito de fantástico; é preciso que o espaço da ficção seja uma duplicação do âmbito cotidiano em que está situado o leitor. Ele deve

reconhecer e se reconhecer no espaço representado pelo texto. Por isso o fantástico é inquietante, constitui uma subversão do nosso mundo.

Novos leitores do horror brasileiro não deveriam, assim como Nazarian (2019) arrisca supor, dar preferência ao “realismo concreto” a fim de criar uma identidade nacional, e sim aproveitar o rico folclore brasileiro e a popularização de gêneros antes considerados puro entretenimento infantojuvenil, como a fantasia, a ficção científica e o horror (Ribeiro, 2019b) – só para citar alguns –, para descobrirmos nossos novos talentos capazes de produzir textos significativos para a nova demanda de leitores. Eis uma oportunidade abissal.

AN ABYSSAL OPPORTUNITY: HORROR IN THE *TERRA DE SONHOS E ACASO*

Abstract: The present work analyses the book *Terra de sonhos e acaso*, by Filipe de Campos Ribeiro (2019a). Even being considered a literary genre of less expression and therefore aimed at a restricted readership in Brazil, we believe that the current era can favor the work of Ribeiro and other authors linked to horror and the fantastic, elevating and popularizing this genre in Brazil thanks more to its characteristics of literature than pure entertainment.

Keywords: Horror. Fantasy. *Terra de sonhos e acaso*. Filipe de Campos Ribeiro. Contemporary literature.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, R. G. H. Apresentação do autor. In: ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014 p. 11-28.
- ANDRADE, F. *Espectro*. Rio de Janeiro: Akritó, 1996.
- ANDRADE, M. de. *Macunaíma*. São Paulo: Penguin, 2016.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE ROMANCE POLICIAL, SUSPENSE E TERROR. Vencedores do II Prêmio Aberst de Literatura. Aberst, 2019. Disponível em: <https://aberst.com.br/2019/10/21/vencedores-2-premio-aberst/comment-page-1/?unapproved=7&moderation-hash=68f136e3b0e255e34de0e3e7906a2807#comment-7>. Acesso em: 7 set. 2024.
- CECCANTINI, J. L. C. T.; SILVA, P. P. da. O livro-jogo como atrativo à literatura fantástica. In: CUNHA, M. Z. da.; MENNA, L. (org.). *Fantástico e seus arredores: figurações do insólito*. São Paulo: FFLCH/USP, 2017. p. 310-328. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/180/164/783-1>. Acesso em: 9 set. 2024.
- CESAROTTO, O. A estética do medo. In: LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 9-12.
- CIDADE invisível. Direção: Luis Carone, Júlia Pacheco Jordão, Cassiano Prado, Luciana Baptista e Graciela Guarani. São Paulo: Prodigio Films, Biopeba Filmes; Los Angeles: Bottlecap Productions, 2021-2023.
- KING, S. *Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero*. Tradução Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

KLIMICK, C. *Renascido*. Rio de Janeiro: Akritó, 1996.

KLIMICK, C.; BETTOCCHI, E.; ANDRADE, F. *Era do caos*. 1.5. ed. Rio de Janeiro: Akritó, 1997.

KLIMICK, C.; BETTOCCHI, E.; ANDRADE, F. *Lendas*. Rio de Janeiro: Akritó, 1998.

LABRES, C. *A poética do mal: a ficção de Álvares de Azevedo, uma literatura sob o signo de satã*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2347/000318109.pdf?...1>. Acesso em: 10 set. 2024.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MIRANDA, M. Neuroses de Lovecraft impulsionaram horror inovador de sua ficção. *Folha de S.Paulo*, 22 ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/08/neuroses-de-lovecraft-impulsionaram-horror-inovador-de-sua-ficcao.shtml>. Acesso em: 6 set. 2024.

NAZARIAN, S. Eterna promessa, literatura fantástica brasileira nunca decola. *Folha de S.Paulo*, 29 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/09/eterna-promessa-literatura-fantastica-brasileira-nunca-decola.shtml>. Acesso em: 7 set. 2024.

NESTAREZ, O. A pouco conhecida tradição da literatura de horror no Brasil. *Galileu*, 4 abr. 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/04/pouco-conhecida-tradicao-da-literatura-de-horror-no-brasil.html>. Acesso em: 5 set. 2024.

NESTAREZ, O. *Uma história da literatura de horror no Brasil: autorias e fundamentos*. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

RIBEIRO, F. de C. *Terra de sonhos e acaso*. São Paulo: Martin Claret, 2019a.

RIBEIRO, F. de C. Um livro de terror em sintonia com o Brasil assustador atual. *Entretê*, 12 abr. 2019b. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/um-livro-de-terror-em-sintonia-com-o-brasil-assustador-atual,a5fbf8bf661edfc7375e7ad45f2eed7ev37iko0.html>. Acesso em: 7 set. 2024.

SARAMANDAIA. Direção: Walter Avancini, Gonzaga Blota e Roberto Talma. Rio de Janeiro: Central Globo de Produção, 1976.

SÍTIO do Picapau Amarelo. Direção: Geraldo Casé. Rio de Janeiro: Central Globo de Produção; Brasília: MEC, 1977-1986.